



HIBRIDIZAÇÃO.DISCURSO.MENTALIDADE. Produção de Presenças para uma História da Literatura Brasileira?

Daniela Silva da Silva, Profa. Dr. Maria Eunice Moreira (orientador)
Prof. Dr. Hans U. Gumbrecht (co-orientador)

Programa de Pós-Graduação em Letras, Faculdade de Letras, PUCRS,

Resumo

Estudo dos processo de hibridização no discurso romanesco, representado pelo seguinte corpus: *Memórias de um sargento de milícias* (1854-55), de Manuel Antonio de Almeida; *Os sertões* (1902), de Euclides da Cunha; *Memórias sentimentais de Joao Miramar* (1924), de Oswald de Andrade e *Boca do Inferno* (1989), de Ana Miranda. Em conformidade com os pressupostos teóricos fornecidos pelas teorias da História da Literatura e da Linguística, tal estudo objetiva propor uma história da literatura, com foco não narrativo, como história das mentalidades e com isso repensar a crítica das fontes.

Introdução

Muitas são as questões que estão na agenda de debate dos estudos literários. Como diz Hans U. Gumbrecht, professor do Departamento de Literatura Comparada da Stanford University, a ciência da literatura não conseguirá ela sozinha encontrar as respostas para tanto. Procurar em outros discursos é um começo para pensar esses problemas e quem sabe outros questionamentos. Nesse sentido, portanto, para realizar o estudo dos processo de hibridização no discurso romanesco a que me proponho, além dos tópicos fornecidos pela teoria literária e pela história da literatura, também utilizarei aporte teórico do campo da linguística, mais especificamente da área da linguagem.

O discurso no romance ou a linguagem romanesca será meu objeto de observação no *corpus* selecionado, a fim explicitar a hipótese desta tese: a hibridização do discurso romanesco, visto enquanto linguagem, pode servir de fonte para a escrita de uma história não

narrativa das mentalidades brasileiras. Em consequência disso, estou dizendo que as mentalidades brasileiras, enquanto comportamentos e/ou atitudes mentais, pautam-se pela convergência e/ou divergência de enunciados linguísticos que se entrecrocavam no interior de discursos específicos.

Há, do meu ponto de vista, algumas razões que justificam a necessidade de estudar a história desses processos de hibridização e junto com eles a história da literatura: 1) a presença do hibridismo no romance brasileiro, constatada nos textos romanescos que estudei por ocasião da Dissertação de Mestrado, defendida em 2006, no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS, sob orientação da Profa. Dr. Maria Eunice Moreira; 2) as atuais problemáticas levantadas por pesquisas acerca da hibridização, seja no terreno do pós-colonial, seja no teórico, em relação ao cânone literário; 3) a necessidade de ventilar o presente a partir de um estudo do passado desses processos e vice-versa; 4) a importância de uma revisão dos predicados da história da literatura por meio de conceitos mais democráticos, que acusam a presença de vozes literárias (os romances escolhidos) muitas vezes ignoradas.

O *corpus* teórico da tese fundamenta-se no estudo de Hans U. Gumbrecht, co-orientador da tese, Phillipe Ariès, Jacques Le Goff e Émile Benveniste, respectivamente representantes da história da literatura e das mentalidades e da linguística. Tal *corpus* tenderá a alargar-se ao longo da escrita, à medida que outras vinculações forem necessárias.

Este trabalho tem por motivação dois eventos de natureza histórico acadêmica: 1) dar continuidade à Dissertação de Mestrado, desenvolvida acerca do tema do hibridismo no romance brasileiro contemporâneo e 2) discutir uma questão levantada por Hans U. Gumbrecht na abertura do VI Seminário Internacional de História da Literatura, organizado pela Profa. Dr. Maria Eunice Moreira, na PUCRS, em 2005, qual seja: “Devemos continuar escrevendo histórias da literatura?”.

Gostaria de salientar que, em virtude da realização de bolsa de doutorado Sanduíche-PDEE, oferecida pela CAPES, na Stanford University dos EUA, o Prof. Hans U. Gumbrecht tornou-se o co-orientador da tese, fato esse regulamentado pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Além disso, importa dizer que o trabalho também recebe incentivo do CNPq, através de bolsa integral de doutorado.

Metodologia

Até o momento foram cumpridas as seguintes etapas: seleção, leitura e análise do *corpus* pertencente ao romance brasileiro, revisão da bibliografia relativa ao campo da história

da literatura, da história da mentalidades, da teoria da literatura e da análise do discurso; realização de bolsa doutorado Sanduíche-PDEE, pela CAPES, na Stanford University dos EUA e qualificação da tese. No atual momento, a tese está sendo redigida, bem como os aspectos teóricos levantados estão sendo articulado com o estudo feito dos romances constituintes do *corpus* selecionado.

Resultados

Cumprimento dos créditos relativos às disciplinas da primeira etapa do doutorado, no Programa de Pós-Graduação em Letras da PUCRS.

Realização de Bolsa Sanduíche, em Stanford University - USA, no período compreendido entre 01/03/2008 a 30/06/2008, como complemento aos estudos iniciados no Brasil.

Levantamento de bibliografia teórica, assistência de aulas, colóquios, seminários e redação dos primeiros capítulos da tese em Stanford University.

Redação do capítulos finais da tese.

Conclusão

Defesa prevista para janeiro de 2010.

Referências

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In: __. **Problemas de linguística geral II**. Campinas: Pontes, 2006.

GUMBRECHT, H. U. **Productions of presence: what meaning cannot no convey**. Stanford: Stanford University, 2004.

SCHMIDT, S. J., Sobre a escrita de histórias da literatura. In: (Org.) OLINTO, H. K.. **História de literatura – As novas teorias alemãs**. Rio de Janeiro: Ática, 1996.

OLINTO, H. K. (Org.) **Interesses e paixões: histórias da literatura**. Rio de Janeiro: Ática, 1996.

VIEIRA, N. V. Hibridismo e aleridade: estratégias para repensar a história literária. In: (Org.) Moreira, M. E.. **Histórias da literatura: teorias, temas e autores**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003

GOFF, J. L.. CHARTIER, R. La nouvele histoire. Paris: CELP – Les Encyclopedes du savoir moderne, 1978.